

# VITRAL CULTURAL

*a newsletter do CCJF*

Chegou a 16ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



*Alessandro Brandão (voz), Cleiton Sobreira (voz) e Francisco Eiras (teclado) durante o show do Trio Minas Portugal no CCJF*

## Festival Vibra transforma o CCJF em palco da música independente

Durante o mês de julho, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu as históricas portas de seu teatro para o *Festival Vibra*, que celebrou a musicalidade brasileira em quatro quintas-feiras (3, 10, 17 e 31/7), distintas em quase tudo, exceto pela música boa e seus sucessos - praticamente designados após a abertura por conta do *Trio Minas e Portugal*. Formado por Cleiton Sobreira (voz), Alessandro Brandão (voz) e Francisco Eiras (teclado), o grupo deu o pontapé que o festival precisava, deixando o público na temperatura certa para receber o *Duo Dois a Dois* (10/7), a banda *Relva* (17/7) e *Katarina Assef* (31/7).

*Trio Minas e Portugal* prometeu e cumpriu; um show intimista capaz de transportar o público para uma viagem musical entre Minas Gerais e Portugal. A apresentação mesclou músicas de importantes nomes do cenário musical brasileiro e português, além de poemas da poetisa portuguesa Florbela Espanca. O cantor Alessandro Brandão dividiu que, para ele, a melhor parte

## Prêmio Quis Ego Sum



Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** publicou, em 15 de julho, o edital do *Prêmio Quis Ego Sum - Concurso Nacional de Pesquisa e Identificação de Personagem Histórico*, que tem como objetivo incentivar a pesquisa histórica, a reflexão crítica e a valorização do patrimônio cultural vinculado à Justiça.

O nome é inspirado em uma alusão a expressão “Quem sou eu...”, em latim, que busca descobrir qual figura histórica é representada em uma das quatro pinturas-painéis da Sala de Sessões, que, após a restauração, não conseguiu ser recuperada. Com foco em atrair historiadores,

foi a recepção do público. Animado e um tanto surpreso, Brandão relata: “Foi a estreia desse show, a gente nunca tinha feito nesse formato e eu achei que ele foi muito bem recebido pelo público, isso foi o que deixou a gente mais animado ao final do show. O Festival Vibra, pra mim, foi um grande sucesso”, concluiu.

No segundo dia de festival foi a vez do *Duo Dois a Dois*, com Antonia Medeiros e Guilherme Imia, em mais uma apresentação com melodias que penetraram nos ouvidos e mobilizaram as cordas vocais de quem estava lá para ser espectador, mas que acabou se arriscando a cantarolar letras conhecidas. As músicas foram de sucessos brasileiros a composições autorais dos artistas, com direito a participação especial da cantora Katarina Assef, protagonista da última noite de festival. A banda *Relva* se juntou a Tziu (voz e teclado) e trouxe o experimentalismo já comum para quem acompanha Marcello Prado (voz, violão e guitarra) e Ian Moreira (percussão). Os três artistas apresentaram um programa recheado de composições autorais do grupo. O último dia foi a vez de *Katarina Assef* emocionar o público com o um show melancólico que falou de amor. Na apresentação intitulada *Ponteiro*, a cantora seguiu um repertório de músicas autorais acompanhada pelo tecladista Cadu Fausto em um espetáculo que parecia não ter público: eram todos artistas, cada um do seu jeito - desde o rítmico balançar de cabeças ao bater compassado dos pés. O cantor Zé Motta subiu ao palco e, juntamente com Katarina, presenteou os espectadores com uma música inédita composta pelos dois. “Senti o festival como um chamado pra me aventurar por outros assuntos, botar músicas inéditas pra jogo, experimentar uma formação intimista”, expôs a cantora.



*A cantora Katarina Assef e o tecladista Cadu Fausto durante o show que integrou o Festival VIBRA, no CCJF.*

Os relatos do idealizador e produtor do festival, Mar Marinho, e de Guilherme Imia tinham muitas coisas em comum. A importância de um evento como esse para artistas independentes foi uma delas. "Participar do festival vibra, além de ser um grande prazer pra mim, é uma grande honra. Eventos como esse, iniciativas culturais como essa, são extremamente importantes nos dias de hoje, onde nós, que fazemos a arte independente, no fim das contas, dependemos também de muita coisa. Acredito que os tempos que a gente está vivendo, são tempos de muita solidão pro artista independente, onde a gente acaba tendo que se desdobrar entre mil funções para dar conta de lançar o nosso trabalho de fazer os nossos shows de conseguir espaço para se apresentar", dividiu o cantor.

arquitetos, restauradores, artistas visuais, pesquisadores e estudantes dessas áreas, o Concurso terá uma Comissão Avaliadora, formada por especialistas nas áreas de Patrimônio, História, Arte, Direito e Arquitetura e os três primeiros classificados receberão uma premiação em dinheiro no valor de R\$5.000 (1º lugar), R\$2.000 (2º lugar) e R\$1.000 (3º lugar). As inscrições abriram no dia 15 de julho e vão até o dia 30 de setembro, para conferir o edital, é só acessar o site do CCJF. Participe!

[Clique aqui!](#)

**A história do CCJF:  
agende sua visita!**



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

Mar Marinho, comovido principalmente com a possibilidade de promover encontros com festivais como esse, relatou: “eu sou uma pessoa muito entusiasta do centro da cidade, então, pra mim, foi uma grande alegria poder ocupar o Centro Cultural Justiça Federal, que fica no coração do centro da cidade, na Cinelândia, e poder fomentar a cena independente nesse lugar não é pouca coisa não, pra mim é muita coisa. E, pra mim, isso fala de um projeto de futuro. Eu acho que a gente está vivendo um momento de grandes transformações no centro da cidade e eu acho que promover a cena independente, ocupar um espaço como o CCJF é fazer um convite para o futuro, assim me parece”.

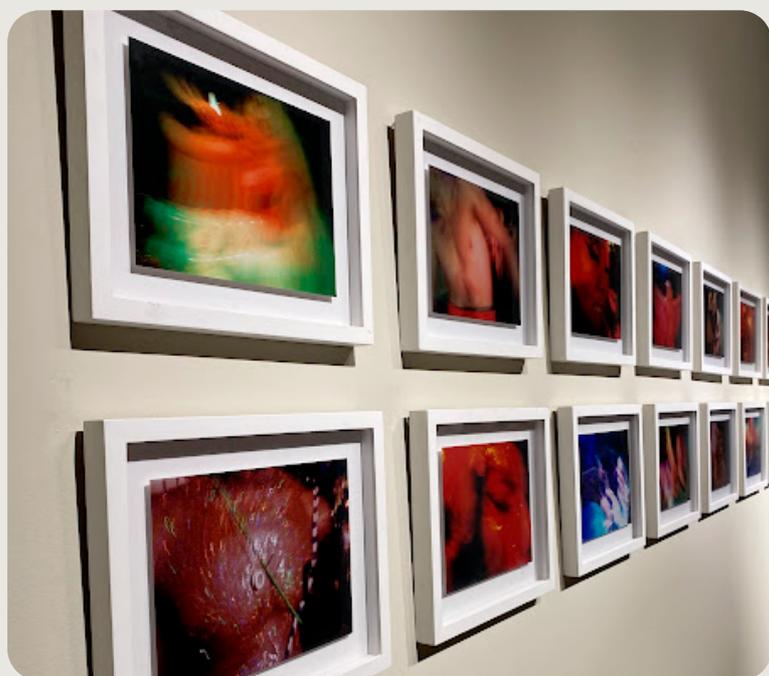
E não parece apenas para o idealizador do evento. O Festival Vibra foi sim, tudo isso e mais um pouco. Foi casa cheia e coração transbordando de tanto bater no ritmo da música. O teatro do CCJF foi lugar de reencontro de amigos de longa data e encontro de novos.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

#### Visitas orientadas

(exceto no recesso judiciário e feriados):  
Terças e quintas  
das 14h às 16h  
**Gratuito**

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:  
[visitas.ccjf@trf2.jus.br](mailto:visitas.ccjf@trf2.jus.br)



*Imagens da Exposição Baixa Tecnologia*

## Novas exposições no CCJF se utilizam da arte para evidenciar apelos sociais

Em julho, duas novas exposições abriram no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Gratuitas, *Baixa Tecnologia*, do fotógrafo e artista visual Pedro Stephan, e *Cinco convites a um levante*, do artista visual Alex Frechette, ocupam as galerias do 1º andar do CCJF e oferecem ao público duas reflexões interessantes: a primeira exposição retrata a arte por trás de experiências fotográficas que fogem da técnica e do controle da imagem, colocando em xeque a urgência da tecnologia; já a segunda representa um apelo à mobilização através de cinco pinturas que registram protestos recentes ocorridos no Brasil, Chile e Argentina.

***Baixa Tecnologia*, um registro quase análogo da diversidade** – Mais estética e beleza, menos factual. Ao usar um celular antigo – de apenas um megapixel – que produz imagens distorcidas e se vale de um ambiente de pouca luz, Pedro

**PRORROGADA a Exposição Gabinete Selarón de Curiosidades - Os Degraus para a Gestão**  
**Compartilhada da Escadaria Selarón**



Para quem ainda não veio e quer conferir a exposição Gabinete Selarón de Curiosidades no CCJF temos uma boa notícia. A mostra foi prorrogada até 31 de agosto.

A exposição homenageia o multifacetado artista chileno Jorge Selarón, cuja obra transformou a Escadaria Selarón em um dos pontos mais visitados e conhecidos do Rio de Janeiro. A mostra reúne mais de 300 obras, entre pinturas, azulejos, rascunhos e fotografias, revelando o olhar cosmopolita de Selarón.

Stephan, que há décadas dedica seu portfólio a abordar o tema da diversidade sexual e de gênero, fotografou *performers* da noite carioca e paulista. O resultado é expressivo e surpreendente. São 26 imagens, desfocadas e com cores vibrantes, que compõem a exposição *Baixa Tecnologia*, que abriu dia 3 de julho no CCJF, com curadoria de Ângela Magalhães e Nadja Peregrino. Por trás das fotografias, um questionamento levantado por Stephan: até que ponto aceitar a rapidez tecnológica em que somos impingidos a absorver, devido, inclusive, ao consumismo imposto pela indústria? “Nós que vivemos o antes e depois da revolução tecnológica, fomos empurrados...tínhamos o vinil, o CD, o CD-Rom, o DVD, etc. Hoje em dia, não dá para usar no computador um programa mais antigo porque a própria fábrica dá um jeito de não permitir isso, e aí o programa fica obsoleto e você não consegue usar. Na verdade, o que proponho é uma rebelião e uma prova de que as coisas que foram deixadas para trás não são ruins. Elas foram deixadas para trás, em parte, por causa da indústria que quer vender, vender e vender”, ressalta o artista.

Essa é a segunda vez que Stephan, um dos fotógrafos pioneiros em evidenciar a Comunidade LGBTQIAPN+, expõe no CCJF. A primeira mostra, que ocupou o Centro Cultural em 2007, foi *Entre Amigos e Amores: os espaços LGBTI+*, marcante por ter sido a primeira exposição dedicada à diversidade sexual e de gênero na era pós-Aids. “De lá para cá, se abriu mais espaço para falar sobre isso, apareceram pessoas de outras gerações e eu tenho acompanhado tudo; continuei fotografando e participando ativamente das militâncias, dos movimentos. Para mim é uma felicidade continuar desenvolvendo uma linguagem, uma poética, um olhar, um estilo sobre essa temática”, diz. Ao comentar sobre o processo de produção das obras reunidas em *Baixa Tecnologia*, ele destaca a experiência marcante que teve de “perder o controle” ao fazer os cliques das imagens. “Eu não tinha o controle exato do que eu estava fotografando como eu tenho com a câmera ‘normal’. De noite, eu conseguia ver pelo pequeno visor daquele celular mínimo, em um lugar aberto ou fechado com uma luz diferente...dirigia mais ou menos o ângulo da minha câmera do celular, não havia controle da velocidade, não tinha flash”, conta Stephan, que admite ter passado por uma experiência diferente. “Gosto de ter esse controle quando fotografo. Mas, nesse caso, perdê-lo foi um grande aprendizado para mim, inclusive na coisa da intuição, deixá-la falar mais alto do que aquilo que você vê no visor da câmera – algo que, muitas vezes, não é aquilo que a câmera vai registrar”.



Uma das telas que compõe a Exposição *Cinco Convites a um Levante*

De terça a domingo das 11h às 19h.

### Refúgio para a mente (e para os olhos)



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

### Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

***Cinco convites a um levante, o olhar do artista nas dimensões 5m x 1.60m*** – O conjunto das cinco grandes telas, de cores vivas e impactantes, evidenciam os protestos recentes ocorridos no Brasil, Chile e Argentina, experienciados pelo artista. Porém, mais do que isso, instiga o público a uma reflexão crítica sobre os discursos políticos e sociais que emergem dessas manifestações, além de explorar a relação arte *versus* ativismo. Cada tela de 5m por 1,60m, caracterizadas por traços expressionistas, retrata uma manifestação popular: o protesto por conta da falta de energia elétrica, em Niterói, no Rio de Janeiro, após períodos de chuva; o protesto na Cinelândia, Centro do Rio, contra a tentativa de golpe de Estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023, em Brasília; uma demonstração de solidariedade à Palestina em Santiago do Chile, país reconhecido por abrigar a maior comunidade palestina fora do Oriente Médio; os apelos por justiça no Centro do Rio de Janeiro após o assassinato de uma artista circense e cicloativista venezuelana; e as agitações sociais na Argentina, após as recentes mudanças econômicas e políticas.

Frechette explica que a inspiração para *Cinco convites a um levante* surgiu em um dia, quando saiu do CCJF, na época em que ocupou as galerias do Centro Cultural com a exposição *8 de Janeiro - Jamais Fomos Modernos*, entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. “Quando saí da mostra estava tendo um protesto aqui em frente sobre o ‘8 de Janeiro’. Lembro que estava saindo com umas pinturas e vi essa galera. A cena serviu de base para a pintura ‘Vermelho’, que trata da busca pela democracia, contra a invasão dos prédios de Brasília, em 8 de janeiro de 2023. Aquelas cenas que vimos do pessoal quebrando e depredando os prédios e objetos, pintei me inspirando no Di Cavalcanti. Então é uma continuação do trabalho anterior, e os demais temas foram aparecendo...”, conta Frechette.

Segundo os organizadores, entre misseis, feminicídios, arbitrariedades, tentativas de golpe e cortes de energia elétrica, a exposição incita os espectadores a encararem o presente como um movimento em direção à coletividade, em busca de justiça, além de uma poética que inspire a ação de um levante – um levante que vise a radical transformação do mundo.

Ambas imperdíveis, venha conferir! As mostras ficam no CCJF até o dia 31 de agosto de 2025. O funcionamento é de terça-feira a domingo, das 11h às 19h.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

### Curiosidades do CCJF: você sabia?



#### Você sabe quais personalidades integram as pinturas-painéis da Sala de Sessões?

A Sala de Sessões possui quatro pinturas-painéis em suas paredes, mas apenas três delas foram recuperadas após a restauração. A primeira é Appius Claudius, um jurista romano do século V a.C., que foi um dos legisladores responsáveis pela Lei das XII Tábuas, que tinha como objetivo estabelecer a certeza e a segurança do Direito. Na segunda pintura, temos o



Instalação *Nine Lives Cat* na Galeria da Cela

## Festival ECRÃ: quando a arte encontra o experimental

De 3 a 6 de julho, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o *Festival ECRÃ*, um evento de arte e cinema experimental, com direção artística de Daniel Diaz e Rian Rezende, que busca estimular a cultura do audiovisual.

A abertura contou com a exibição do longa-metragem *Matamortes*, uma produção de Thiago Martins de Melo, que mistura elementos visuais e resgata memórias de resistência indígena e ancestral, além de um bate papo com a equipe do filme.

O evento aconteceu de forma híbrida e contou com obras de diversas categorias: games, com jogos experimentais e videogames; instalações e artes interativas, com obras imersivas - tanto virtuais, quanto físicas; filmes, incluindo curtas e longas-metragens que raramente chegam aos cinemas ou grandes festivais e que mostram que o audiovisual não se limita aos padrões da indústria; e videoartes e novas mídias, com vídeos em formatos variados, como GIFs e memes.

Na Galeria da Cela, a instalação *Nine Lives Cat* chamou a atenção de quem passava pelos corredores, composta por dez telas - sendo elas projetores e televisores - que exibiam simultaneamente dez vídeos em loop, essa instalação trouxe uma experiência sensorial e imersiva, fazendo com que os sons e histórias se misturassem trazendo uma sensação única a cada visitante.

O diretor artístico, Daniel Diaz, revelou que o festival despertou a curiosidade pela arte experimental e que contou com um público de mais de 500 pessoas. “Com a presença de realizadores, apresentação pelos curadores e um público de mais de 500 pessoas o *ECRÃ* no CCJF foi permeado pelo afeto entre essas entidades e, principalmente, pela curiosidade na arte experimental”, declarou.



Imperador Bizantino Justiniano, que fez parte do projeto de restauração e unificação do Império Romano, já a terceira pintura retrata a imagem de Marco Túlio Cícero, um grande linguista, filósofo, tradutor e renomado advogado. A quarta pintura perdeu-se no tempo e, infelizmente, não foi possível a identificação para a restauração e, por isso, o CCJF lançou o edital do **Prêmio Quis Ego Sum**, como divulgado na primeira nota acima.



## Na Quinta Dor: das cicatrizes ao espetáculo

Durante o mês de julho, a peça teatral *Na Quinta Dor* ocupou o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Dirigido por Joana Dória e Lara Coutinho e com atuação de Dora de Assis, esse monólogo é um relato de resistência e denúncia às negligências médicas sofridas pela personagem.

Narrando a história da sua própria vida, a personagem revive episódios de internações em que sofreu por doenças distintas, até receber um diagnóstico de câncer. Depois de tudo o que passou, Dora, que além de artista também é educadora, revisita memórias profissionais e pessoais e repensa a forma de viver a vida, apesar do relato trágico, ela não se limita ao sofrimento e lida com esses temas com humor e leveza, deixando reflexões das marcas e impactos sofridos pelo corpo e o que podemos absorver dessas situações.

O cenário – composto por objetos hospitalares, medicamentos e sacos plásticos pendurados preenchidos com líquidos – ajuda a criar uma atmosfera que remete à rotina hospitalar e à fragilidade do corpo.

Esse espetáculo conta a história de uma personagem que – entre dores e sofrimentos – encontrou uma forma de seguir em frente, transformando sua dor em arte.

Dora de Assis, atriz e dramaturga do espetáculo, considera *Na Quinta Dor* um sucesso, já que conseguiu gerar identificação entre o público através de um relato íntimo. “Tivemos um público ótimo, presente, tivemos pessoas que voltaram mais de uma vez na peça, pessoas que não eram do meu ciclo social. Uma peça que é tão pessoal, conseguir abarcar um tema

universal através da identificação, pra mim, é um sucesso”, declarou.



## CCJF celebra a obra de Ágota Kristóf em roda de conversa com leitores e escritores

No dia 5 de julho, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) dedicou a tarde de um sábado nublado para homenagear uma das mais importantes escritoras europeias do século XX. Ágota Kristóf foi celebrada em um sala cheia de mentes instigadas por suas palavras e sua própria história. O bate-papo foi mediado pela finalista do Prêmio Jabuti 2024, a escritora Adriana Vieira Lomar juntamente com o editor da Dublinense, Gustavo Faraon.

Ainda um tanto inédita aos leitores brasileiros, a autora suíça-húngara explora em suas obras temáticas relacionadas à guerra, ao exílio e à perda de identidade, escritas com a frieza de quem relata com palavras impressas um trauma que extrapola as páginas de cada um de seus livros. Mas, ao contrário de sua escrita, o encontro foi regado de um sentimentalismo à brasileira, em que, mesmo os que nunca haviam testemunhado os escritos de Ágota, foram profundamente tocados por sua linguagem.

A escritora e jornalista Marcelle Azeredo é um desses exemplos, que, mesmo sem conhecer a obra da escritora, saiu do encontro muito impressionada com a sua linguagem crua e cheia de camadas. “Ágota vai além do absurdo e nos faz questionar o tempo inteiro: o que é necessário para sobreviver a uma guerra? Os personagens de Ágota falam muito de não pertencimento, é um verdadeiro atropelamento literário”, relatou Marcelle.

O encontro permeou a vida e a obra de Ágota Kristóf, evidenciando-a como referência a escritores e intelectuais, como o cineasta italiano Sílvio Soldini. Além de expor o processo de redescoberta de suas obras anos depois, ainda com uma narrativa do pós-guerra estranhamente atual. Ao final, houve o

sorteio da *Trilogia dos Gêmeos*, a mais conhecida obra da escritora.

Adriana Lomar, mediadora da conversa, dividiu um pouco de sua admiração por Ágota Kristóf, apontando a transmissão do evento como um alicerce para a divulgação, não apenas de rodas de conversa como essa, mas principalmente das obras da escritora. “Muito bom ter ficado gravado pela plataforma do *YouTube*, proporcionando a todos a experiência de conhecer a obra dessa escritora sensacional. Recebi alguns retornos e isso me gratificou bastante, inclusive fora do país”, concluiu a escritora.

O encontro foi a prova de que, mesmo anos após sua última publicação, Ágota Kristóf segue emocionando e cativando onde suas palavras encontram espaço. E que, embora sua escrita venha de um tempo passado, as emoções que a escritora desperta ainda ardem como um fogo vivo em cada um que ousa entrelaçar sua história com as linhas escritas por ela.



## No CCJF, show “50Tão”, de Ney Conceição Trio, consagra a cena jazzística e autoral brasileira

“50Tão”, cinquenta vezes mais *swingado*, cinquenta vezes mais latente. Essa é a frase usada para descrever, em poucas palavras, o show de Ney Conceição Trio, que se apresentou no último dia 9 de julho nos palcos do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). O nome “50Tão” vem do último álbum de Ney Conceição, em comemoração do meio século de vida do musicista — consagrado baixista, arranjador e compositor da cena jazzística brasileira. Na companhia de Adaury Mothé (teclados) e Erivelton Silva (bateria), a apresentação, com forte influência caribenha, brindou o público com sua genuinidade e autenticidade. De acordo com a produção de Ney, a intenção não foi realizar uma festa “engessada”, mas sim trazer um *groove* pulsante, um som que hipnotiza o corpo para o

movimento. A meta foi alcançada já que o público se entregou às músicas autorais do trio do começo ao fim da apresentação.

“A recepção calorosa do público nos tocou profundamente. Sentimos uma conexão real, dessas que só acontecem quando a música encontra ouvidos generosos e corações abertos. Foi mais que um show: foi um abraço coletivo, uma celebração da música instrumental brasileira em sua essência mais viva”, destaca Ney, em nome do trio “50Tão”. Para ele, foi um encontro marcado pela emoção, pela liberdade artística e, acima de tudo, pela cumplicidade no som.

Sobre a importância de espaços culturais promoverem a diversidade na música, arte e cultura, Ney ressaltou que oportunidades como essa, em tempos desafiadores, reafirmam a importância dos espaços públicos como fomentadores da diversidade artística e da sensibilidade humana. “Queremos expressar nossa sincera gratidão ao CCJF por abrir espaço à arte, por valorizar a música feita com alma e por apostar em projetos autorais e relevantes. Seguimos com a certeza de que a arte resiste, floresce – e se multiplica – quando encontra acolhimento”, conclui. Por aqui, ficamos no aguardo de um *bis*.



## <<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com  
**Zoraya Cesar**

*A Vitral Cultural deste mês dá sequência a série Por dentro do CCJF. Dessa vez, a convidada para o bate-papo virtual é Zoraya Cesar, servidora responsável pelos eventos literários culturais da Biblioteca do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Ela conta sobre escolhas na carreira, funções que exerce no cargo e ainda lembra o lançamento de seu primeiro livro. Confira a íntegra da entrevista, logo abaixo:*

**VITRAL CULTURAL:** O que te fez escolher a profissão, e além disso, ingressar na carreira pública?

**Zoraya Cesar:** Sempre gostei muito de ler e escrever. Em algum momento seria natural escolher uma carreira que tivesse a ver com essas duas atividades. Mas, embora a vida de jornalista seja muito fascinante, o fato é que é um meio extremamente competitivo, o que não combina com minha personalidade. Meu primeiro emprego público foi como revisora no Tribunal Marítimo. Daí, ingressar na Justiça Federal foi um pulo.

**VITRAL:** Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

**Zoraya:** Estou no CCJF desde outubro de 2022. Já trabalhei na Comunicação, no Cinema e há mais de dois anos estou na

Biblioteca. Minha função é promover eventos culturais ligados ao universo dos temas literários e editoriais, realizando oficinas de escrita criativa, rodas de leitura, contação de histórias, por exemplo, e também divulgando conhecimentos sobre temas literários diversos, como afrofuturismo, resgate de autoras esquecidas, literatura feminina e saúde mental... Também promovo eventos sobre práticas do mundo editorial.

**VITRAL:** Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal.

**Zoraya:** Um caso memorável tanto pessoal quanto profissional foi o lançamento do meu primeiro livro e cada vez que um conto meu é publicado em alguma antologia ainda sinto o gostinho da primeira vez.



## Cinema experimental: como o incentivo a novos formatos de produção e exibição podem estimular o audiovisual e a cultura?

*Por Daniel Diaz, Diretor, Coordenador Geral, Curador e Produtor do Festival ECRÃ .*

O Festival ECRÃ é uma prova viva de como a relação entre meio, produção e realização é possível e concreta.

O evento abarca uma gama diversa e extensa do que o mundo tem a oferecer em arte experimental, exibindo obras nas categorias de Filmes, Games, Instalações e Videoartes. Além disso, oferece atividades como bate-papo com realizadores das obras, oficinas e palestras sobre o tema. Dentro da categoria de filmes, proporcionamos ao nosso público a oportunidade de conhecer uma produção que vai além do que costumamos ver em salas de cinema e plataformas de streaming, por exemplo.

Ao nos depararmos com outras possibilidades de fazer e ver cinema, abrimos um leque para novas ferramentas e formatos de trabalho com a imagem em movimento — o que estimula tanto aspirantes na área quanto artistas com anos de estrada a experimentarem mais em sua jornada. Percebemos, então, que o artista conta com diversas maneiras de comunicar aquilo que deseja por meio de sua obra. É nesse ponto que sair do padrão e da norma — experimentar — ganha força e contribui para o crescimento e a diferenciação da cultura.

Às vezes nos sentimos presos no processo de criação e impelidos a imitar o que estamos acostumados a ver, o que até certo ponto não é um problema. Mas há, também, questões técnicas e financeiras no caminho. O Cinema Experimental é uma forma de cinema que explora formas, meios, valores e ideias que estão aí para serem usados — e que muitas vezes estão mais ao nosso alcance do que uma produção “formal” da área audiovisual.

Um pouco de contexto e história.

Imagine que o Cinema Experimental é um elástico que se estende do princípio da história do cinema até um futuro indefinido. Antes das salas de cinema e a experiência cinematográfica serem como são atualmente, com tela, projeção, cadeiras; houve tentativas e erros, soluções criativas e sociais para se chegar ao que temos hoje. No Festival ECRÃ, algumas instalações

exploram essas formas criativas de assistir a um vídeo. Os Filmes e Videoartes investigam formas de estruturar a narrativa – algumas delas, inclusive, inspiradas no cinema antigo, como planos mais estáticos e o uso de câmeras analógicas. Já o citado “futuro indefinido” também pode ser encontrado nas ferramentas de captura e exibição do material audiovisual: câmeras que misturam uma lente antiga a um corpo moderno, óculos de Realidade Virtual (VR), celulares que projetam etc.

Nem todas as máquinas estão ao nosso alcance, mas o audiovisual experimental vai além do vídeo e do som. Ele explora sombra, luz, projeção – o puro sentido do olhar e do sentir. Onde queremos chegar com isso? Na percepção de que o experimental na arte está também em trabalhar com o que se tem à mão e moldar as imagens e a luz para transmitir aquilo que se deseja. Por isso, não se trave por falta de verba ou dos meios ideais – experimente!

Com o que foi dito, pode-se inferir que não há limites em relação aos formatos do audiovisual – da captura e produção, passando pelo tratamento e edição, até sua mostra e exibição. Acreditamos que, ao acessar novos formatos ou resgatar antigos, ampliamos as possibilidades de fazer e mostrar uma obra audiovisual, contribuindo para a difusão e o estímulo à criação. O Festival ECRÃ é justamente um evento onde se pode ver e discutir sobre a arte experimental e, assim, levar estes aprendizados para a própria prática artística.



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para tcbalthazar@gmail.com por imprensa.ccjf@trf2.jus.br

Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™ [Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)

